

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO BÁSICA NO MEIO RURAL¹

SILVA JUNIOR, Astrogildo Fernandes da – UFU – silvajunior_af@yahoo.com.br

FONSECA, Selva Guimarães – UFU – selva@ufu.br

GT: Formação de Professores / n.08

Agência financiadora: Sem Financiamento

A nossa experiência, como professores de História na educação básica, investigadores acadêmicos e formadores de professores, tem-nos motivado a investigar, nos últimos anos, a problemática da formação docente, a partir do eixo de relações entre os sujeitos, os saberes e as práticas pedagógicas na área de ensino e aprendizagem em História. Neste texto, temos como objetivo analisar as relações entre a formação, os saberes e as práticas na construção da identidade profissional de professores de História que atuam na educação rural.

O caminho metodológico escolhido foi a história oral temática. Combinamos a utilização de fontes orais e escritas. Utilizamos, de forma complementar, as entrevistas orais realizadas com os professores de História e gestores, documentos oficiais, dados estatísticos, currículos, leis, diretrizes, livros didáticos e também os Projetos Políticos Pedagógicos – PPP -, com o objetivo de conhecer a especificidade das escolas. Fizemos o levantamento e a análise de estudos sobre a educação rural, o ensino de História, identidades, formação e saberes docentes.

A nosso ver, a história oral, na pesquisa educacional, contribui para o registro e análise das “vozes e as esferas ocultas das pessoas que vivem a margem do poder” (BOM MEIHY, 2002), para a luta pelo reconhecimento de grupos sociais. A história oral temática nos possibilitou ter acesso às vozes dos sujeitos do processo educativo: seus saberes, sua formação, as relações com suas práticas de ensino, o meio cultural de sua atuação, os significados que atribuem às suas experiências, ao modo como se tornam professores.

Numa perspectiva crítica e reflexiva de formação e prática docente, o foco da pesquisa está centrado nos sujeitos, os professores de História que atuavam nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio, em escolas públicas, municipais e estaduais, localizadas na zona rural do município de Araguari, MG, BRA. Fez parte da pesquisa um total dos sete professores que lecionaram nas escolas rurais, em diferentes comunidades, no ano de 2005. Todos os colaboradores, seis mulheres e um homem,

¹ Texto elaborado a partir da Dissertação de Mestrado defendida pelo autor em março de 2007, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia-MG.

concluíram a Licenciatura Plena em História na FAFI (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araguari-MG) e fizeram, no mínimo, um curso de pós – graduação *Lato Sensu*.

O município de Araguari, MG, BRA, localiza-se no Triângulo Mineiro, no oeste do estado de Minas Gerais. As características socioeconômicas do município estão inseridas no processo de modernização conservadora do agro brasileiro nas últimas décadas. Segundo Custódio (2004), tais mudanças repercutiram de forma negativa no âmbito da pequena produção. A maior parte dos agricultores familiares não teve condições de competir com os latifundiários “modernizados”, integrados ao complexo agroindustrial emergente, que tem o apoio das políticas governamentais. Aos poucos, os agricultores familiares foram perdendo suas terras, enquanto alguns ainda permanecem, porém enfrentando diversas dificuldades, o que os obriga a tornarem-se parceiros, arrendatários e trabalhadores assalariados. Houve também a emergência de atividades rurais não-agropecuárias.

Foi nesse cenário complexo, diverso e ambíguo, marcado por transições, mudanças e permanências, que desenvolvemos nossa investigação, auscultando, debatendo possibilidades para uma educação do campo que leve em conta as especificidades, as singularidades desse cenário e dos sujeitos históricos. Isto nos levou a compreender o processo de construção da identidade docente dos professores de História de escolas rurais.

Certos da existência de diferentes concepções de identidades, privilegiamos a abordagem histórico-cultural. De acordo com Hall (2005), a questão da identidade está sendo intensamente discutida na teoria social, isto porque velhas identidades que estabilizaram o mundo social estão em declínio. Novas identidades fragmentam o indivíduo moderno considerado unificado. O atual contexto é marcado por identidades que não se constroem de uma vez e para sempre, mas se fragmentam, multiplicam-se e se fazem móveis.

Educação rural, educação do campo, novas ruralidades ou *rurbano*? Professor rural? Professor urbano? Identidades em construção? A educação rural e o meio rural sofreram inúmeras transformações. Fontana (2005), argumenta que:

[...] somos uma multiplicidade de papéis e de lugares sociais internacionalizados que se harmonizam e também entram em choque. Somos homens e mulheres, negros, mulatos, brancos, brasileiros, estrangeiros, moços, velhos, pais e filhos, irmãos, esposos, professores iniciantes, antigos na docência, militantes, não sindicalizados, que

dobram turno, que não dependem do trabalho para viver, enfim, muitos em um. (FONTANA, 2005, p. 66).

Logo, somos uma mescla de diversas identidades. A identidade não é um dado ou um fato, não é homogênea, não é definitiva, nem acabada, nem transcendental. É uma construção.

Os professores de História de escolas rurais do município de Araguari – MG -, como todos os professores, trazem em suas narrativas marcas produzidas em suas histórias. Ao serem transmitidas, são recriadas, possibilitam-nos conhecer melhor como é ser professor do campo e a sua construção identitária.

As narrativas dos colaboradores nos falam sobre o distanciamento entre a formação inicial e a experiência em escolas rurais:

Quando comecei a lecionar na zona rural ficou claro que nem o curso normal, nem a formação inicial em História me prepararam para esta realidade. O professor quando termina a graduação, não sai preparado nem para a realidade urbana e muito menos para a rural. Você aprende é no dia-a-dia, com as diferenças e dificuldades. Em determinadas situações você faz de um jeito e outras situações você faz diferente (Maria Aparecida).

Segundo os professores, eles não foram preparados para a realidade escolar no meio rural. A visão idílica da formação não correspondeu à realidade cotidiana. O descontentamento com o modelo de formação recebido é evidenciado. A prática, a experiência cotidiana, as trocas com colegas de trabalho são os principais responsáveis processo de formação docente. Enfim, a sala de aula é o palco da formação, da constituição do ser professor rural.

As escolas rurais investigadas constituem espaços multiculturais. Os professores de História formados para as realidades urbanas descreveram suas dificuldades para lidar com diversidade dos alunos das escolas rurais

Nas narrativas, podemos identificar um ponto comum: a escola precisa reestruturar-se para atender às necessidades da população do campo. Entretanto há diferentes proposições sobre o trabalho do professor e da escola. Maria Cristina destacou, em sua narrativa, a necessidade de uma escola que propicie ao aluno momentos de aprendizagem sem se desvincular da realidade do aluno. Ana Cristina defendeu a importância de diversificar as metodologias, aulas diferenciadas e a utilização de tecnologias nas salas de aula de escolas rurais.

Outro aspecto ressaltado nas narrativas pelos colaboradores é a necessidade, o desejo de aprender sempre, de conhecer mais o interesse pela formação continuada.

Vânia Rodovalho afirmou que é fundamental a inovação permanente do professor. Ana Maria enfatizou o quanto ela aprendeu nos vários cursos que fez ao longo de sua formação. As Diretrizes Operacionais para a educação básica nas escolas do campo, Resolução CNE/CEB, estabelecem no Art. 12:

Parágrafo único. “Os sistemas de ensino, de acordo com o art. 67 da LDB desenvolverão políticas de formação inicial e continuada, habilitando todos os professores leigos e promovendo o aperfeiçoamento permanente dos docentes.

Portanto, o CNE reconhece e exige, por meio da Lei, que os sistemas promovam o aperfeiçoamento permanente dos docentes. Entretanto os professores revelam explicitamente a ausência de políticas públicas que, na prática, assegurem este direito.

Os professores inseridos no contexto sociocultural e educacional do campo no exercício de narrar, refletiram sobre suas experiências, sobre a escola, sobre como fortalecer a instituição educacional, o futuro, a formação dos alunos. Logo, a narrativa, no processo de pesquisa, tem um papel formativo, pois estimula a reflexão como prática social, proporciona o diálogo, o apoio e o estímulo mútuo, as formas de trabalho colaborativo.

Esses professores constituem-se professores nos diversos fios que tecem a complexa trama de suas vidas, são indivíduos em construção. A vida profissional e pessoal se mistura, influencia, marca o modo como percebem a educação rural. Foram unânimes em afirmar que a formação inicial não os preparou para a prática docente nas escolas rurais, pois se deu de forma teórica, desvinculada de experiência pedagógica em escolas urbanas e, particularmente, das rurais. A formação continuada não faz parte da política dos poderes públicos aos quais estão vinculados. Formam-se, constituem-se como professores de História na experiência educativa, nas lutas cotidianas.

As escolas rurais investigadas, no ano de 2005, possuem uma rede física adequada, recursos didáticos, meios de transporte e quadro docente dentro dos padrões de qualidade exigidos pela Legislação. São escolas nucleadas, seriadas, são atendidas pelos programas nacionais de livro didático, merenda escolar, transporte escolar, dentre outros. Esse processo de melhoria das condições de oferta ocorreu após a Constituição de 1988, o que representou um ganho para a educação rural do município, mas não resolveu alguns velhos problemas do ensino básico. Há permanências, contradições, dificuldades a serem superadas, como evasão, repetência, desinteresse, problemas e baixo padrão de rendimento escolar.

Assim, ficou evidenciado que escolas rurais do município de Araguari já superaram alguns desafios, principalmente no que se refere à rede física, mas foi possível identificar outras dificuldades e necessidades para melhorar a qualidade do ensino de História, tais como: a necessidade de diversificar os materiais didáticos, a valorização dos professores, o financiamento diferenciado para as escolas rurais, currículos contextualizados. Diante de todas as adversidades, os professores colaboradores demonstraram interesse e disposição para enfrentar os desafios e buscar reconstruir seus saberes e práticas. As narrativas revelaram a diversidade que caracteriza as escolas rurais.

A prática docente no cotidiano de uma escola rural é marcada por desafios e repleta de obstáculos, de resistências que exigem constantes enfrentamentos. Alguns possíveis caminhos foram apontados nas narrativas dos colaboradores desta pesquisa. Daí, a importância de ouvir e registrar os dizeres dos professores de História das escolas rurais.

Finalmente, esperamos, com a apresentação da pesquisa, participar do debate acerca da formação docente, da educação no campo e do ensino de História, debate este que é teórico, pedagógico e, sobretudo, político.

Referências Bibliográficas

- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo*,. Brasília: MEC: SECAD, 2002.
- CUSTÓDIO, Ada Borges. O tomate de mesa em Araguari – MG: desenvolvimento e contradições. In: SANTOS, R.J. RAMIRES, J.C.L. *Campo e cidade no Triângulo Mineiro*. Uberlândia. Edufu, 2004. p.145-174.
- FONTANA, Roseli A. Cação. *Como nos tornamos professoras?* 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.